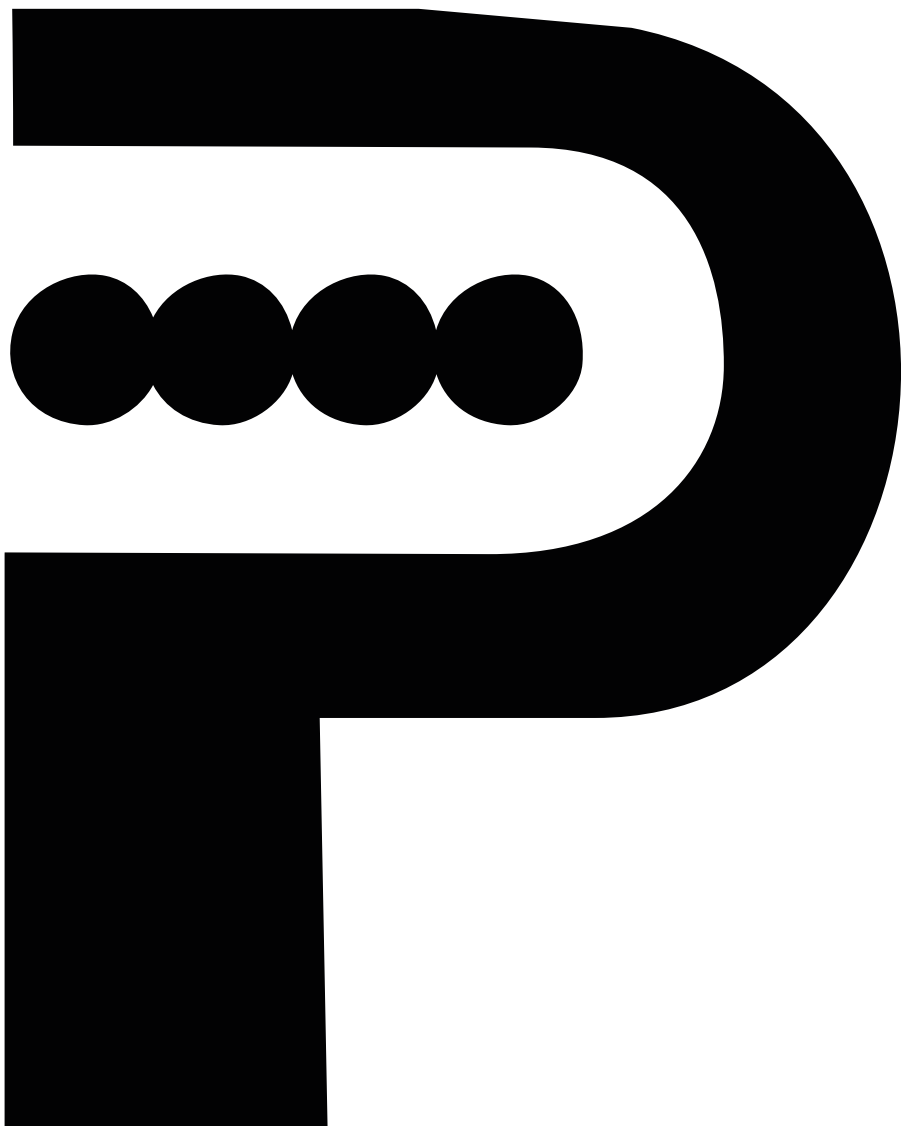


**caderno de
educação**

ilê aiyê 1995—2013
projeto de extensão pedagógica

18

**pernambuco,
uma nação africana**







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

ORGANIZAÇÕES DE RESISTÊNCIA NEGRA

Valéria Lima

ensaio

6

Resistir é um verbo constante na vida de qualquer pessoa negra. Resistimos desde os navios negreiros, que arrancaram nossos ancestrais de Mãe África e os espalharam pelas Américas, principalmente pelo Brasil. As mãos negras construíram este país, a terra que “em se plantando tudo dá”, e que deu para os nossos apenas dor e trabalho. No entanto, resistimos.

Apesar de as escolas ensinarem por séculos que não houve resistência à escravidão por parte dos africanos usurpados de seu continente, aos poucos estamos resgatando tantas histórias contrárias que foram ocultadas dos livros. Hoje sabemos dos muitos levantes que ocorreram para acabar com a escravidão neste país. Conhecemos as histórias das irmandades, dos quilombos, das negras de ganho, que se organizaram para garantir não só a sua liberdade, mas também a de tantos outros irmãos e irmãs. A liberdade das mulheres que lutaram para manter vivas as tradições, os costumes e a religiosidade de matriz africana.

As organizações de resistência negra no Brasil desempenharam um papel crucial na luta contra o racismo, a discriminação e a desigualdade social. Desde a chegada dos africanos escravizados no país até os dias atuais, essas entidades têm sido fundamentais na promoção dos direitos civis, culturais e políticos da população negra brasileira. Além de tudo que foi realizado ao longo dos intermináveis

séculos em que durou a escravidão no Brasil, muito foi feito pelo povo negro deste país para driblar os resquícios da escravidão. Apesar de o letramento não ser permitido às pessoas negras, muitos eram os que sabiam ler e escrever, de modo que, ainda no século XIX, a imprensa negra já se fazia presente. Como bem nos apresentou Ana Flávia Magalhães em sua pesquisa publicada em *Imprensa negra no Brasil do século XIX*, *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, datado em 14 de Setembro de 1833 foi o primeiro veículo negro deste país.

Os quilombos são importante símbolo de resistência e organização. Os escravizados que fugiram das plantações e engenhos tornaram-se referências de liberdade e luta contra a opressão. Em um ambiente de brutalidade e exploração, os quilombos ofereceram refúgio e autonomia, com os negros podendo viver de forma livre, em comunidade, preservando suas tradições culturais, e praticando sua religião. O mais famoso deles, Palmares, liderado por Zumbi, resistiu por quase um século, exemplificando a resiliência e a força coletiva dos afro-brasileiros na luta pela liberdade e justiça.

Organizar e resistir para existir! As irmandades religiosas foram determinantes para a sobrevivência dos negros e negras escravizados. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na Igreja da Sé, no centro de Salvador, é datada de 1685. Posteriormente foi transferida para uma igreja construída com recursos próprios e com o trabalho dos membros da Irmandade. Os terreiros de candomblé, assim como as irmandades, nasceram em meio à escravidão. Os Orixás, Inquices e Voduns, que aqui desembarcam com os africanos, fizeram morada em todas as regiões do Brasil, de norte a sul. As religiões

de matriz africana se mantêm vivas, apesar do racismo e das perseguições. Os registros informam que os primeiros terreiros surgiram por volta de 1830 (p. 8,1995). E nesses espaços sagrados, mães e pais de santo garantiram a manutenção dos cultos originários de África, com uma identidade brasileira.

A mais antiga associação civil negra do Brasil nasceu na capital baiana e há quase 200 anos transforma a vida de negros e negras. A Sociedade Protetora dos Desvalidos, fundada em 16 de Setembro de 1832, inaugurou novas possibilidades na vida de inúmeros escravizados. Liderado por Manoel Vitor Serra, africano livre, um grupo de homens da capital baiana se reuniu para garantir a liberdade de outros, comprando cartas de alforria. Entretanto, ao longo de todos esses anos, a organização atuou de diversas formas, como caixa e empréstimos e penhores, apoiando no tratamento de doenças, na invalidez, na velhice e na garantia de um funeral para aqueles que não podiam pagar. E foi se reinventando de acordo às necessidades que foram surgindo no pós-abolição. E segue, ainda hoje, lutando contra o racismo e as desigualdades por ele ocasionadas.

Com a abolição da escravidão em 1888, a luta pela igualdade continuou, uma vez que a população negra permaneceu marginalizada. A Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em 16 de setembro de 1931 por Abdias do Nascimento, desempenhou um papel crucial na luta pelos direitos civis e sociais da população negra no Brasil. Como uma das primeiras organizações de massa lideradas por negros, a FNB buscou combater o racismo e promover a integração social, política e econômica dos afro-brasileiros. Através de campanhas de educação, assistência jurídica e atividades

culturais, a FNB trabalhou para elevar a autoestima da comunidade negra e exigir igualdade de oportunidades. Sua atuação pioneira pavimentou o caminho para os futuros movimentos negros do país, deixando um legado duradouro na luta contra a discriminação racial. Embora tenha sido fechada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937, seu legado influenciou grandes movimentos subsequentes.

A partir da década de 1970, com o fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil, houve um ressurgimento significativo de organizações negras. O Ilê Aiyê e o Movimento Negro Unificado, nascidos nesse período, são os responsáveis pelas configurações de movimentos que conhecemos na atualidade. Influenciados pelos Panteras Negras, que lutavam pelos direitos civis nos Estados Unidos da América, surge o primeiro bloco afro do Brasil. O Ilê Aiyê, idealizado por Antonio Carlos Vovô e Apolônio Souza de Jesus Filho, fundado em 1º de Novembro de 1974, ganhou as ruas do carnaval de Salvador a partir de 1975, e, com as bênçãos de Mãe Hilda Jitolu, cantou a beleza e a história do povo negro no Brasil e em África.

O Ilê realizou uma verdadeira revolução estética no Brasil, através do trabalho inovador de Dete Lima. Os turbantes e as amarrações inspiradas nas vestimentas dos Voduns do Axé Jitolu, em conjunto com as estampas desenvolvidas por J. Cunha, deram vida às cores da entidade. Suas ricas vestimentas, seus adereços vibrantes e suas expressões culturais autênticas exaltaram a beleza e a identidade afro-brasileira. A estética desenvolvida pelo bloco não apenas resgatou tradições africanas, mas também desafiou os padrões eurocêntricos de beleza, promovendo o orgulho racial e a autoestima entre os negros. Essa revolu-

ção visual e cultural do Ilê Aiyê teve um impacto profundo, influenciando a moda, a arte e a identidade afro-brasileira por gerações.

O Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, destacou-se como uma das principais entidades na luta contra o racismo estrutural e na promoção da consciência negra. O MNU tem se empenhado em diversas frentes, incluindo a denúncia da violência policial, a luta por cotas raciais e a valorização da cultura afro-brasileira. Cultura e política se encontram e se reinventam por igualdade e justiça. Para que possamos ser quem somos, assumindo nossa identidade no jeito de ser e de se vestir do povo negro deste país.

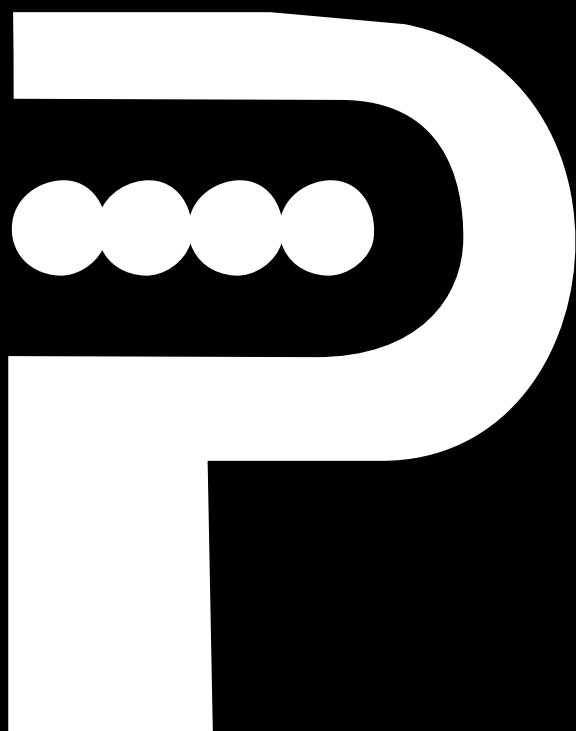
**OS ORIXÁS, INQUICES
E VODUNS, QUE AQUI
DESEMBARCAM COM OS
AFRICANOS, FIZERAM
MORADA EM TODAS AS
REGIÕES DO BRASIL**

Abrangência

A partir dos anos 2000, a resistência negra no Brasil vem ganhando novas configurações e formas de atuação. Enquanto, na década de 1970, elas se dividiram entre culturais e políticas, na atualidade é difícil listar todas. Seja através das artes, da música, com o uso de novas tecnologias, através do afrofuturismo, pelas redes sociais; seja qual for o caminho, o objetivo é sempre ampliar a representatividade e combater o racismo em todas as esferas da sociedade brasileira. Nos últimos anos, diversas organizações foram criadas, destacando-se a Coalizão Negra por Direitos, de abrangência nacional. A Coalizão reúne várias entidades que, embora atuem individualmente em seus respectivos territórios, mantêm-se unidas e vigilantes pelo bem comum. A união dessas forças exemplifica a crença de que juntos somos mais fortes e capazes de alcançar objetivos ainda maiores.

Em 6 de Janeiro de 2023, nasceu no bairro do Curuzu, mesmo local em que outrora surgiu O Mais Belo dos Belos, o Instituto da Mulher Negra Mãe Hilda Jitolu. A organização foi criada com o objetivo de manter viva a história e o legado de mulheres negras que tiveram importantes contribuições para o movimento negro brasileiro, iniciando-se pelo legado de Mãe Hilda Jitolu, a matriarca do Ilê Aiyê, que muito contribuiu para a valorização da cultura e religiosidade negras. Mãe Hilda nasceu em Salvador, em 6 de janeiro de 1923, e em 1952 fundou o Terreiro Axé Jitolu, em um dos bairros mais negros da capital baiana, o Curuzu.

O futuro é incerto, mas, enquanto houver racismo, haverá resistência!



sumário

4	prefácio
6	ensaio
17	breve caracterização do estado de pernambuco
21	resistência do povo aos domínios coloniais
25	monumentos da cidade do recife
27	algumas instituições e monumentos em olinda
28	lugares emblemáticos
32	manifestações culturais de pernambuco
38	os maracatus em tempos contemporâneos
43	sítio pai adão
46	casa de xambá
50	comunidades quilombolas de pernambuco
55	personalidades
65	um agradecimento ao maracatu
67	antologia poética

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

PERNAMBUCO, UMA NAÇÃO AFRICANA



1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

01

Breve caracterização do estado de Pernambuco

- ◆ **Origem do Nome Pernambuco:** A palavra Pernambuco é de origem Tupi, vem de Para'Napu'ka, que significa “mar furado”, referência dada aos indígenas no Canal de Santa Cruz, que cerca toda a Ilha de Itamaracá. A origem do nome, entretanto, é controversa e pode significar também “onde o mar se arrebenta”, uma vez que a maior parte do litoral do estado é protegida por paredões de recifes de coral. A palavra Para'Napu'ka significa, também, Para'Na — rio caudaloso, rio grande, mar — e pu'ka – rebentar, estourar, encontro (relativo ao fenômeno que se realiza pelo encontro dos rios Beberibe e Capibaribe com o mar).
- ◆ **Limites:** O Estado se situa ao centro-leste da Região Nordeste brasileira, limitado pelos estados da Paraíba e Ceará, ao Norte; Oceano Atlântico, a Leste; Alagoas e Bahia, ao Sul e pelo Piauí, a Oeste.
- ◆ **Origens Étnicas:** O povo de Pernambuco tem suas origens étnicas entre povos indígenas que viviam nestas terras; europeus; agentes da colonização e africanos escravizados para o trabalho forçado na região colonial.
- ◆ **As Vilas de Igarassu e Olinda:** Em 1547 foram fundadas as Vilas de Igarassu e Olinda.
- ◆ **Hino:** Coro: Salve! Ó terra dos altos coqueiros! De belezas soberbo estendal! Nova Roma de bravos guerreiros. “Pernambuco! Imortal! Imortal! Imortal!
- ◆ **Clima:** De clima tropical amenizado quando se adentra pelo interior em direção ao Planalto Brasileiro, cuja temperatura varia entre 26 e 31°C.
- ◆ **Relevo:** Planície costeira, praias exuberantes; planalto, áreas de manguezais constituem a diversidade do relevo das costas do litoral e das terras que formam o Estado de Pernambuco.



CANA-DE-ACÚCAR



ALGODÃO

- ◆ **Rio São Francisco - O Velho Chico:** O São Francisco, chamado o “Velho Chico”, é o maior rio que banha Pernambuco, tendo como principais afluentes o Pajeú e o Moxotó, além do Capibaribe, Ipojuca e Una, que banham a parte Oriental.
- ◆ **Vegetação:** A sua vegetação é caracterizada por quatro paisagens botânicas distintas: a Zona da Mata; a litorânea; o agreste e o sertão.
- ◆ **População Atual:** Com uma população de 7.918.344 habitantes, a cidade mais populosa é Recife, seguida de Jaboatão dos Guararapes, Olinda, Caruaru, Paulista, Petrolina, Cabo e Vitória de Santo Antão. A densidade demográfica estimada é 73,72 habitantes por km².
- ◆ **A Produção Mais Importante:** A prosperidade do Estado foi a cana-de-açúcar e o algodão. Entre 1630 e 1654 a região foi ocupada pelos holandeses, que incendiaram Olinda e fizeram de Recife a capital desse domínio que estabeleceram em terras brasileiras. O governador do período foi o Conde Maurício de Nassau.

02

Resistência do povo aos domínios coloniais e escravocratas



- ◆ **A resistência sempre existiu:** O povo do lugar ofereceu forte resistência ao domínio holandês, numa história marcada por conflitos, revoltas e lutas por liberdade.
- ◆ **História de Resistência:** O povo sempre resistiu. Pernambuco é considerado um pólo de resistência a partir da História de suas principais batalhas, revoltas e lutas contra povos coloniais. Sabemos que no início do século XVII o Brasil era colônia de Portugal. Em 1630, os holandeses invadiram o Nordeste brasileiro pelo litoral. A presença holandesa no Nordeste durou 24 anos, principalmente no Recife, sede da colônia. O governador desses domínios foi Maurício de Nassau, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais.
- ◆ **Restauração Pernambucana:** Os Terços das Três Raças: No Monte das Tabocas, hoje terras do município de Vitória de Santo Antão (PE), os patriotas armados de fogo, foices, paus tostados, chuços e flechas lutaram contra 1.900 holandeses fortemente armados. Estes foram derrotados pelo Terço das Três Raças entre Mazombos (filhos de portugueses nascidos no Brasil); povos indígenas originários das terras e povos africanos escravizados, juntos em busca da liberdade. A vitória se deu em 1654, com a entrega de 75 chaves ao general Francisco Barreto de Menezes. Assim se deu a chamada Restauração Pernambucana após a exploração da Insurreição Pernambucana entre 1645 e 1654.
- ◆ **A Confederação do Equador:** A província de Pernambuco liderou uma revolta com a participação de diversos segmentos sociais com o objetivo de lutar contra o Poder Central. Desse movimento denominado Confederação do Equador participaram as chamadas classes

populares, expressando suas próprias reivindicações.

- ◆ **A Revolução Praieira de 1848:** A concentração da propriedade fundiária e a monopolização do comércio pelos portugueses foram fatores de permanente insatisfação do povo, representando as camadas populares em Pernambuco. A Revolta Praieira recebe adesão de setores da população urbana, que viviam em extrema pobreza: pequenos arrendatários, boiadeiros, mascates e negros libertos. No entanto, a revolta dos praieiros contra os Gábirus não pode ser considerada um movimento libertário-revolucionário.
- ◆ **A Independência de Pernambuco:** Em 1821, inicia-se um novo movimento emancipacionista de Pernambuco que culmina com o rompimento da Província de Pernambuco com Portugal.
- ◆ **A Continuidade da Resistência na Sociedade Contemporânea:** A resistência criada a partir da travessia transatlântica dos africanos para o Brasil toma formas culturais e religiosas em diferentes regiões brasileiras e a grande maioria delas pode-se encontrar em Pernambuco.
 - a) Congo
 - b) Congada
 - c) Tambor de Mina
 - d) Tambor de crioula
 - e) Batuque
 - f) Irmandades religiosas negras
 - g) Terreiros de Candomblé: Jêje, Angola, Yorubá, Nagô, Mina
 - h) Jongô de Roda
 - i) Afoxé
 - j) Capoeira

k) Maracatu

l) Bloco-Afro

Estas expressões de resistência constituem-se em recriações transplantadas e recriadas segundo a realidade de cada grupo e de cada lugar. Em Pernambuco, o Maracatu assume hoje uma das expressões mais fortes, sem perder as raízes vinculadas com Terreiros de Candomblé, sempre referenciadas em outras manifestações de origem negra. Personalidades reconhecidas do Candomblé são personagens dos maracatus.

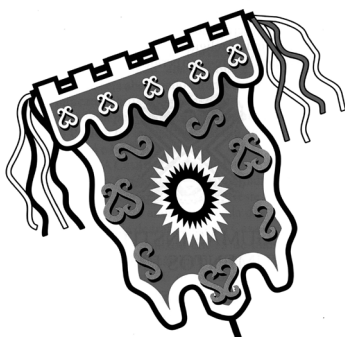
Texto elaborado a partir da referência Pernambuco - História, pesquisa bibliográfica oferecida ao ILÊ AIYÊ por ocasião da passagem do Presidente Antônio Carlos dos Santos (Vovô).

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Monumentos da cidade do Recife

03



25

- ◆ **O Marco Zero:** O Marco Zero é o lugar onde começa Recife, apresentando referenciais culturais remanescentes do século XI ao XIX, lugar simbólico de uma cidade fundada para atender as exigências da produção do açúcar.
- ◆ **Igreja de Nossa Senhora do Livramento dos Homens Pretos:** Espaço religioso construído por africanos escravizados e libertos para se reunirem.
- ◆ **Convento Franciscano de Santo Antônio:** Abriga uma magnífica Capela Dourada no coração do Recife.
- ◆ **Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos:** Em diferentes lugares do Brasil, foram criadas as confrarias ou irmandades religiosas que reuniam africanos escravizados e libertos com distintas finalidades – políticas, sociais, culturais e religiosas.
- ◆ **Museu da Abolição:** Refere-se ao período histórico que o constitui.

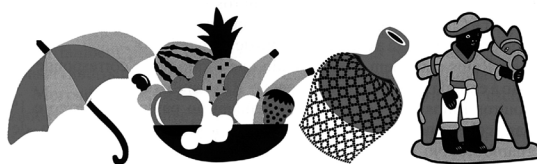
Algumas instituições e monumentos em Olinda

Olinda foi capital do Estado e é uma das mais lindas cidades do Brasil. Possui uma das mais encantadoras paisagens do Nordeste Brasileiro, conservando sua estrutura de rara beleza monumental. Oh! Linda!

- ◆ **Mercado da Ribeira:** Lugar histórico, onde os africanos escravizados desembarcavam e eram negociados.
- ◆ **Catedral da Sé, Palácio Episcopal:** - Museu de Arte Sacra, Convento de Santa Teresa, Igreja da Misericórdia, Igreja do Bonfim.

05

Lugares emblemáticos nos quais há referências de participação das populações negras através da celebração de ritos tradicionais e contemporâneos



- ◆ **Pátio do Terço:** Há uma tradição de quatro pátios na cidade do Recife: Pátio do Terço, Pátio da Igreja do Carmo, Pátio de São Pedro e Pátio do Livramento. São pátios circunvizinhos, sempre nas proximidades de uma igreja reconhecida pela tradição da cidade. Os tambores silenciosos partem do Pátio do Terço onde os Maracatus se reúnem à meia-noite e fazem louvação aos ancestrais, mais especificamente reverenciando aos Eguns e pedindo passagem e bênçãos para que tudo seja abençoado e transcorra em paz. Era da Casa de Badia que os Maracatus partiam, já abençoados. Hoje, a louvação é feita pelo Babalorixá Raminho de Oxóssi. Este tem uma inserção no Pátio e foi iniciado por Badia, que vem da tradição das Tias do Terço: Sinhá e Iaiá.
- ◆ **A Casa da Cultura:** A Casa da Cultura de Pernambuco foi edificada no século XIX, cuja peça fundamental foi assentada a 8 de dezembro de 1820 para ser a Casa de Detenção do Recife. Neste lugar, a sua função de cárcere durou cento e dezoito anos. Na década de 1940, a intelectualidade pernambucana lança a ideia de transformar a Casa de Detenção em Casa da Cultura. O projeto só se realizou em 15 de março de 1973, com o fechamento da Casa de Detenção pelo então governador do estado, ministro Eraldo Gueiro Leite. “E os muros caíram

porque decidimos extinguir a Casa de Detenção para abrir outras portas, acima de qualquer muro, porque aqui será a Casa de Cultura de Pernambuco”.

Quatro raios compõem a casa, sendo que o raio norte corresponde ao acesso à entrada principal, voltada para o Rio Capibaribe.

Os outros raios sul, leste e oeste reúnem, no pavimento térreo e primeiro andar, celas onde são comercializados produtos de artesanato de Pernambuco. No segundo andar funciona a parte cultural, com cinema, teatro, exposições, salas para dança, música e cursos abertos ao público.

- ◆ **O Mercado São José:** O Mercado do São José é um espaço socioeconômico-cultural que abriga um panorama da produção artístico-cultural e econômica do estado. Entre setores diversos, encontram-se:
 - a) O setor de miniaturas de bonecos, figuras históricas, vassourinhas, cestas, chapéus de palha, utensílios domésticos e calçados.
 - b) Literatura de cordel com títulos que falam da alma do povo: o frevo, o Rio Capibaribe, Lampião e Maria Bonita, a chegada de Lampião ao Céu etc.
 - c) Objetos de couro: chapéus, sandálias e trajes de vaqueiro.
 - d) A arte de Mestre Vitalino em cerâmica, principalmente exposta na Feira de Caruaru. “Tudo o que foi inventado em barro vem de Vitalino.” “O barro é a minha vida” - disse Mestre Vitalino.
 - e) Objetos de arte e cultura e representação de tradições:
 - ◆ Os Abés - cabaças do Maracatu
 - ◆ Sombrinha do frevo
 - ◆ Pandeiro

- ◆ Plumagem
 - ◆ Frutas de barro
 - ◆ Filó
 - ◆ Vasos de plantas
 - ◆ Espingardas
 - ◆ Bacamarte
- f) Feira de alimentos: carnes, ovos, aves, peixes, verduras, castanhas, camarões, mariscos etc.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Manifestações culturais de Pernambuco

06



32

As manifestações são representadas por ciclos distintos:

- ◆ **Ciclo Carnavalesco:** Com destaque para Recife e Olinda. Blocos, troças, clubes, maracatus, ursos, escolas de samba, afoxés mascarados e bonecos gigantes.
- ◆ **Ciclo Junino:** Homenagens a São João, Santo Antônio, São Pedro e Caruaru. Destaques para: Caruaru (capital do forró), Carpina, Paulista, Petrolina, Recife e Olinda. O São João é tempo de: fogueira, ruas enfeitadas, bandeirolas, violeiros, quadrilha, forró, ciranda, xote, xaxado, coco e baião.
- ◆ **Ciclo Natalino:** O pastoril, queima de lapinha, reisado, cavallhada, fandango, bumba meu boi.

Além dos ciclos, há outras manifestações

- a) **Acorda Povo:** Com zabumbas e gambás.
- b) **Ciranda:** Dança de Cirandeiros, adultos com repertório poético-musical com regência do Mestre Cirandeiro que tira as cantigas, improvisa versos e preside a festa.
- c) **Coco:** Dança popular nordestina. Os dançarinos trocam umbigadas durante o festejo.
- d) **Dança de São Gonçalo:** É a dança diante de um altar de São Gonçalo, com duas filas de dançarinos, cada um com guia e contra guia.

- e) **Excelência:** Canto entoado aos que estão passando de um lado ao outro da vida.
- f) **Fandango:** Espetáculo popular: romance, dança, música.
- g) **Frevo:** O frevo nasce em Pernambuco. Dança de multidão, vem de Frever. O Recife Frevia!
- h) **Malhação de Judas:** A queima de bonecos no Sábado de Aleluia - castigo aos traidores.
- i) **Mamulengo:** Teatrinhos de fantoches que chegam a Pernambuco no Século XVI.
- j) **Maracatu:** São cortejos reais denominados de Nações Africanas. É o Banzo transformado em dança que imita o balanceio bamboleante de ritmo do mar. Essa dança é acompanhada de Tarol, Bombos, Zabumbas, Gonguês e Ganzás.
- k) **A Noite dos Tambores Silenciosos:** A Noite dos Tambores Silenciosos é ponto culminante de encontro dos tambores dos maracatus no Pátio do Terço - Pátio de Sinhá, Iaiá, Badia e Tia Bernardina.

Tambores invadem a noite e ecoam entre as estreitas ruas do Bairro de São José. Nações seculares seguidas de outras, fundadas mais recentemente, surgem como por encantamento e, solenemente, se juntam no adro da Igreja de Nossa Senhora do Terço.

Tambores de baque virado dobram na noite, sons que entram pelos ouvidos tomam o corpo e envolvem a todos num misto de magia e emoção. São elas, as nações renascidas do povo que nestas terras plantou tão fundas raízes! Empunham seus estandartes e guardam, com a mesma força dos seus antepassados, os segredos da Calunga erguida entre as mãos da Dama-do-Paço.

O Largo na frente da Igreja do Terço, no Bairro de São

José, é cenário ideal para a cerimônia que acontece às segundas-feiras de Carnaval, no Recife.

Pátio de Sinhá, Iaiá, Badia e Tia Bernardina, todas descendentes das tradicionais casas nagôs de Pernambuco; pátio que serviu aos trabalhos de drenagem dos terrenos alagados, no tempo dos holandeses, e ficou conhecido depois como a “estrada da cidade” para quem viesse do lado do continente; local “onde os negros ficavam, quando vinham de fora (...) e onde muitos foram morrendo”, segundo Raminho de Oxóssi, babalorixá do Terreiro de Oxum Opará e atual responsável pelo ritual.

Palco de tantos acontecimentos e nascedouro de algumas das mais tradicionais agremiações carnavalescas do Recife, no Pátio do Terço tudo começou com as Tias, ligadas ao candomblé e envolvidas com o carnaval.

“Eu era menino, com seis anos de idade - já estou com 64 anos e quando cheguei ali a celebração já era feita pelas Tias com um grupo de negros” — Raminho de Oxóssi.

Uma reverência discreta, uma homenagem prestada aos mortos, os eguns, com a presença de maracatus tradicionais como o Leão Coroado e o Elefante de D. Santa. Alguns cânticos e o silêncio à meia-noite.

É assim que, em 1968, o jornalista e sociólogo Paulo Viana, envolvido em razão de seus estudos com as questões negras, conhecedor do universo dos Xangôs do Recife e sensível à importância da cultura popular, cria a Noite dos Tambores Silenciosos.

Carmem Lêlis/Euclides Costa

Historiadora da Secretaria de Cultura do Recife

Núcleo Afro-Secretaria de Cultura do Recife

l) Bonecos Gigantes de Olinda: Os bonecos representam uma lista de pessoas importantes, entre as mais famosas, a cirandeira Lia de Itamaracá; o Homem da Meia-noite; o Bonequeiro Cidinho; O Homem da Meia-noite; A Mulher do Meio-dia; o Filho do Homem da Meia-noite; o Menino e a Menina da Tarde. O encontro dos Bonecos Gigantes é um dos maiores espetáculos do Carnaval de Olinda.

Texto elaborado a partir de pesquisa bibliográfica. Entrudo e Frevo, ocasião ao ILÊ AIYÊ, dado à passagem do Presidente do Ilê Aiyê, Vovô, no Recife.

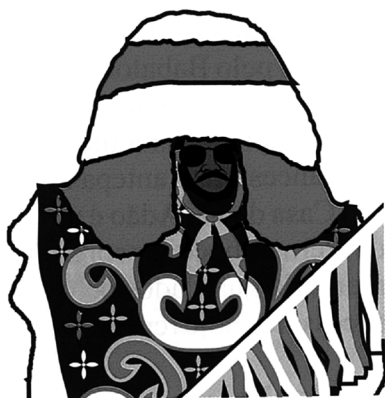


1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Os maracatus em tempos contemporâneos

07



Em Pernambuco, o Maracatu floresceu no Terreiro da Senzala. O Maracatu foi legitimado pelo governo na qualidade de um espaço para o reinado dos negros, em seus momentos de diversão. É nesse momento que africanos escravizados são transformados em portadores dos Reis do Congo e de Angola e portadores da patente de Governadores dos Pretos, por exemplo: “O cargo de governador dos Pretos Ardas do Botão da Costa da Mina”.

Segundo a pesquisadora Inaldete Pinheiro de Andrade, militante fundadora do Movimento Negro Unificado de Pernambuco (Andrade, 2007):

“nenhuma benevolência havia nestes gestos de conceder patentes ou permitir as saídas nos dias santos, nem a liberdade era dada, nem deixar de sonhar”. (ANDRADE, 2007)

“O Maracatu foi criado numa época de muitas dores”. O Maracatu reuniu pessoas que foram desmembradas da África, da sua terra, da sua gente e foram consideradas mercadorias. Entre estas estavam pessoas comuns, nobres, sacerdotes, que resistiam de muitas maneiras, e uma delas foi organização do Maracatu. No Maracatu, elas recriavam a sua nação, o seu território, elegiam um rei e uma rainha para sua liderança e daí a Liberdade. Ali organizavam, tocavam, riam, faziam política. (INALDETE P. ANDRADE, 2007)

Os tambores dobravam o toque do Baque Virado. A calunga, erguida nas mãos da Dama do Paço, encontrava a multidão que seguia com o cortejo que crescia, crescia e crescia. A rainha e o rei empunhavam as suas espadas com orgulho e o séquito colorido dançava com entusiasmo cantando as Loas da Nação.

No Maracatu, a alegria era do tamanho da vontade de ser livre.

No Século XIX, os Maracatus foram reprimidos porque faziam muita zoadá. A repressão jamais conseguiu silenciar a população negra. (Andrade, 2007)

○ **maracatu é classificado em:**

- ◆ **Maracatu Nação (Urbano) ou Maracatu de Baque Virado** - Recife, Olinda e Igarassu. O Maracatu Nação é inebriante, acelerado, gira criando um movimento rítmico entre música, dança, coreografia e alegoria.
- ◆ **Maracatu Rural ou Maracatu de Baque Solto** - O Maracatu Rural nasceu entre os trabalhadores de engenho de Pernambuco e exibe porta-estandarte, caboclos de lança e de pena, damas de frente e cordão.
- ◆ **Maracatu Nação:** A calunga, o rei, a rainha, o cortejo. A calunga é a embaixadora da nação. Ela pede passagem para o Maracatu chegar, exaltar a nação e passar. A calunga foi criada para ligar a cultura com o divino. A calunga é uma figura de boneca consagrada com valor de ancestral - boneca preta levada na mão, conduzido o cortejo acompanhado de Rei e Rainha. Maracatu Nação é o agrupamento de pessoas que trazem consigo os laços históricos que as intempéries não conseguiram separar. Tudo começou com a organização dos negros nos Terreiros das Senzalas. Os Maracatus estão nos paços, nos pátios, nas igrejas, nas ruas e sempre nos Terreiros ou a partir dos Terreiros onde pedem bênção para partir para outros lugares. (Pinheiro, 2007).

- ◆ **Coreografias e as Alegorias do Maracatu:** O cortejo é constituído da Rainha e do Rei vestidos em trajes de gala ricamente bordados e enfeitados com pedras, rendas, fitas, plumas e paetês sobre veludo em cores vibrantes.
O Rei e a Rainha caminham, dançam, desfilam cobertos pelo Pálio - um guarda-sol colorido que gira em torno deles, carregado por um pajem preparado para esta cerimônia, portando espadas e cetros.
Ao redor da Rainha e do Rei dançam Príncipes, Princesas e membros da Corte. Parte do cortejo é formada por Baianas e Catirinas que entram ou respondem às cantigas e às loas. As Damas-do-Paço conduzem nobre e religiosamente as Calungas, representações simbólicas já consagradas que têm valor de Ancestrais.
- ◆ **As classificações do Maracatu:** Hoje o Maracatu abre o Carnaval de Pernambuco, na sexta-feira. Em sua versão contemporânea, o Maracatu, criado nas senzalas, nos momentos de encontros, danças, celebrações aos domingos, rompendo com a opressão, hoje constitui representação da cultura de Pernambuco, que culmina no carnaval em grandes confraternizações em frente à Igreja do Terço, em noite de gala à qual já nos referimos.
- ◆ **Símbolos do Maracatu:** A rainha, o rei, a calunga, o pálio e os tambores (o bombo, tambor grande amarrado de corda feita de casca de macambira ou jenipapo com proteção de couro de bode para fechar o som) constituem os elementos simbólicos - rituais do Maracatu.
- ◆ **As indumentárias do Maracatu:** As vestimentas do Maracatu são: A Gola - uma capa ricamente bordada em vitrilha, saias largas, bem rodadas em sedas coloridas

bordadas. Hoje está voltando o chitão, muito babado em blusas, bem decotadas, babados bem franzidos e anáguas de tule.

- ◆ **Um exemplo de vestimenta-do Maracatu:** Dona Santa, que foi rainha do Maracatu Elefante durante dezesseis anos, desfilava com um vestido à moda europeia do século XIX feito de seda, veludo, cetim, bordado com lantejoulas, miçangas e fios dourados. Levava um espadim de metal com o qual abençoava seus súditos, além do cetro, coroa, capa de gola alta, sapatos de salto fino, brincos, anéis, pulseiras e broches. Suas cores preferidas eram o amarelo, azul, branco e verde. Um dos distintos da vestimenta do Maracatu é a Gola.
- ◆ **Maracatus Tradicionais:** Os maracatus tradicionais de Pernambuco são: Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu, Leão Dourado, Elefante, Porto Rico do Oriente, este originário da Troça Carnavalesca, mais Rei dos Ciganos, fundado por Dona Santa. As nações são denominações que identificam tradições, origem, linguagens africanas, como Nagô e Jêje. Essas nações historicamente resultam de aglutinações de diferentes raízes culturais africanas.
- ◆ **A Capoeira e o Frevo:** Em tempos primordiais na organização dos grupos carnavalescos, os capoeiristas iam à frente, abrindo passagem com o malabarismo da capoeira e, nesse ritmo, seus passos se transformaram no frevo. Quando passavam as troças carnavalescas com as capoeiras abrindo caminhos, Recife Frevia, vem de “Frever”. Pernambuco é a capital do frevo, hoje, em parte, embranquecido. O Maracatu ainda mantém suas raízes originais.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Sítio pai adão

08

ILÊ OBÁ OGUNTÉ



SÍTIO DO PAI ADÃO

43

A africana Ifatinuké, Tia Inês Joaquina da Costa, criou o primeiro espaço religioso de nação Yorubá, no Recife, um lugar sagrado, abençoado por uma natureza privilegiada com presença de plantas africanas, árvores seculares, principalmente representadas pelo imponente pé de Iroko. Tia Inês criou Pai Adão desde os 14 anos.

Pai Adão zelou, continuou a tradição, guardou segredos, as árvores sagradas, os objetos rituais, sobretudo os conhecimentos passados por Tia Inês e os transmitiu de geração a geração.

O legado de Tia Inês foi passado a Pai Adão no Terreiro, que hoje é dirigido pelo Babalorixá Manuel Papai. A filha de sangue de Pai Adão - Mãezinha - transita no sítio Pai Adão, representa a memória de tempos primordiais e conta uma história cultural e religiosa secular, vivida por seus ancestrais e antepassados.

A Casa de Pai Adão é um terreiro fundador da nação Yorubá na capital de Pernambuco e representa um acervo da nação Nagô, patrimônio e memória guardados pelos cuidados e lições passados pela oralidade dos sucessores, hoje representados por:

- ◆ **Ifatinuké**
- ◆ **Ifadaero**
- ◆ **Tinukê**
- ◆ **Majá sessú**
- ◆ **Yamedê - Mãezinha (filha de Pai Adão)**
- ◆ **Oxum Bomin**

Tia Luísa - Por ser a mais velha, faz parte da ancestralidade do Terreiro, independentemente de ser iniciada a ter um Nome Ritual. O Sítio do Pai Adão tem hoje sua continuidade nas mãos do babalorixá Manuel Papai, que conta

com a presença de quarenta e uma pessoas, entre as quais, nove Ogans e cinco Ekedes.

Cerimônias Religiosas - Rituais que se celebram no Sítio Pai Adão:

- ◆ Festa de Oxum - homenagem à Mãe
- ◆ Festa de Oxalá - homenagem à Avó
- ◆ Festa de Yemanjá
- ◆ Festa de Ogum - Abril
- ◆ Festa de Oxum - Julho
- ◆ Em certas ocasiões toca-se para **Xangô e Oyá**.

Família de Santo no Sítio Pai Adão:

Ifatinuké, Ifadarco, Tinuké, Manjá Sessú, Yamedê - Mãe-zinha - filha de Pai Adão, Oxum Bonin, Tia Luísa - a mais velha da casa.

Texto elaborado a partir de entrevista no Sítio Pai Adão, gentilmente concedida pelo babalorixá Manuel Papai. Referências bibliográficas: Pai Adão em Nagô - literatura Infanto-Juvenil. Inaldete Pinheiro de Andrade. Promoção Alternativa. Centro de Cultura Luís Freire.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Casa de xambá

09

CASA DE XAMBÁ



QUILOMBO URBANO

A Casa de Xambá é uma Casa religiosa de matriz africana situada em um Quilombo urbano. A Casa de Xambá é uma das duas casas desta nação existentes no Brasil. Hoje a Casa de Xambá é um Quilombo Urbano - o primeiro reconhecido do Nordeste e o terceiro do País. O reconhecimento do Quilombo Urbano no espaço da Casa de Xambá foi iniciativa da prefeita negra Luciana Santa. O terreiro começou com Tia Biu - Maria das Dores, filha de Iansã.

- ◆ A Estrutura da Casa de Xambá: Nesta nação não existe nenhum cargo, nenhuma função, nenhum título religioso. Todas as mulheres são Yabás e todos os homens são Ogans, exceto a hierarquia dirigente da Casa:

- a) A Iyalorixá
- b) O Babalorixá
- c) A Madrinha
- d) O Padrinho

- ◆ **Os quatro governam a casa:** Iyá - Lourdes de Yemanjá, Babá Ivo - Adelsono de Oxum, a Madrinha e a Mãe Pequena - Tia Nair de Oxum. O Padrinho é Maurício de Xangô.

As mulheres são Yabás independente de serem de santo feminino ou não. A casa é 70% familiar entre parentes: tios, primos, primas reais. As pessoas vão nascer do seu incorporado à Casa aqui.

Hoje a Madrinha da casa é a esposa de um tio, não é de parentesco consanguíneo. A Casa tem um grande número de filhos e filhas de- santo. É uma casa de mulheres: Donatila, Severina - Tia Biu, Maria das Dores, Maria das Graças.

É uma casa de mulheres, governada por um homem de Oxum.

Maria de Oyá partiu aos 39 anos de idade na década de 1930. Era época do fechamento dos terreiros, pela repressão do Estado Novo, tempos de grandes perseguições e intolerância religiosa contra todas as religiões que não correspondiam às matrizes ocidentais e sobretudo às que iam de encontro às raízes africanas e indígenas. O aprisionamento dos objetos sagrados e os pedidos de licença da polícia para celebrar rituais das religiões africanas e afro-brasileiras são consequências desse período.

O terreiro passou dez anos fechado e quando acabou, nas décadas de 1940 e 1950, foi Tia Biu a sucessora indicada pelos búzios.

- ◆ **Por que a casa se tornou um Quilombo?** Mãe Biu, quando chegou aqui, só haviam seis casas. O bairro era um pequeno distrito. Tia Biu, hoje Mãe Biu, era negra, analfabeta, fazia solo de bacía, comidas típicas e vendia na feira para sobreviver. Ela veio sozinha e pouco a pouco induziu as suas irmãs a virem morar perto dela, assim ela se cercou de sua família que forma uma comunidade organizada na estrutura de Quilombo Urbano, que abriga a Casa religiosa de Nação Xambá.
- ◆ **As celebrações rituais na Casa de Xambá:** A Casa “Toca” celebra rituais em homenagem aos Orixás aos domingos e de acordo com um calendário ritual:
 - Janeiro - Obaluayê
 - Fevereiro - Oxum
 - Abril - Ogume Odé
 - Maior - Yemanjá
 - Junho - Xangô
 - Julho - Oxalié e Nanã

Agosto - Exu - sem toque, sem abrir salão

Setembro - Ibejis

Outubro - Inhame - só se come raiz

Novembro - não tem toque

Dezembro - Iansã - 13 de dezembro que celebra o aniversário do ritual no qual Maria de Oyá recebeu a espada e a coroa.

- ◆ **As cerimônias de formação:** São os búzios que escolhem a pessoa que deve ser iniciada. Os búzios falam pelos Orixás da Casa. São eles que determinam. A casa tenta conciliar as celebrações do calendário com o santo da pessoa que vai se iniciar.

“Eu sou de Iansã desde que nasci”, disse Cacau - Maria do Carmo, neta de uma das fundadoras da Casa. Cacau é administradora, tesoureira e responsável pelos rituais da Casa.

- ◆ **Baobás - Árvores Sagradas - Patrimônio Religioso do Estado:** Os Baobás são árvores sagradas e fazem parte do patrimônio cultural, religioso africano e afro-brasileiro de Pernambuco.

Pesquisa realizada pela professora Inaldete Pinheiro de Andrade revela a existência da árvore africana de Baobás em Pernambuco, hoje ainda existentes em Ipojuca, na estrada para Serrambi e na Avenida Beira-Mar, em Porto de Galinhas.

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

Comunidades quilombolas de Pernambuco

10



50

- ◆ **Conceição das Crioulas:** Quilombo, representação de resistência de mulheres de grande capacidade de luta: Mãe Maga, parteira há 50 anos, a quem todos pedem a bênção. Maria Alzira, Aliete, Doralina, Generosa, Helena, Maria Aparecida, Rosa e Lúcia. A tradição vem de uma resistência organizada para quebrar a arrogância da oligarquia de salgueiro. Conceição das Crioulas é hoje uma Comunidade Remanescente de Quilombos reconhecida em nível nacional.
- ◆ **Onze Negras:** A comunidade Quilombola Onze Negras está situada no loteamento Eugênio Trapiche, a 35km da capital e a 10km do centro do Cabo de Santo Agostinho, na zona rural entre o Rio Pirapama e Guajaú. A origem da comunidade é o resultado de migração de homens e mulheres unidos por laços de parentesco e netos de ex-escravos, que se deslocaram para a zona rural no Cabo de Santo Agostinho desde 1940. O processo de migração se realiza motivado por razões historicamente conhecidas: necessidade de terras para morar, de trabalho, de condições de sobrevivência, de luta contra a exploração do trabalho, inclusive do trabalho infantil, condições precárias de moradia e sobretudo a tirania dos apontadores que controlavam os serviços nas usinas de cana-de-açúcar. Em meio às plantações de cana-de-açúcar, reúnem-se numa pequena comunidade negros remanescentes do sistema colonial e escravocrata no Cabo de Santo Agostinho. As famílias do Senhor Manoel José, Paulino e Manoel Marques compraram 240 hectares de terra da fazenda Trapiche da Companhia de Revenda e colonização. Terras e posses que se ampliam no tempo constituíam uma realidade diferente

de outros povos remanescentes de Quilombos no Brasil. Em 1999, foi fundada a Associação dos Moradores, Pequenos Produtores Rurais e Quilombolas Onze Negras do Engenho Trapiche Am Pruquiom. Onze Negras formaliza sua existência por decisão de um grupo de mulheres conversando num dia de domingo à sombra de uma jaqueira, reunindo tradições de avós, mães e filhos e homenageando o time de futebol da comunidade de Onze Negras - oito irmãos e três primos. *Eram onze mulheres negras unidas por um sentimento de família, de luta pela terra, de busca de melhores condições através das questões de água, luz, escola.*

O principal objetivo era construir uma maternidade. Tudo se passava dentro de um galpão que chamavam de Sede, onde brincavam Carnaval, São João e La Ursa (uma pessoa fantasiada de urso). A descoberta da comunidade Onze Negras deve-se a uma militante negra, Dra. Vera Brione, após sucessivos encontros marcados aos quais a comunidade tinha muito medo de comparecer. Um dia decidiram ir ao encontro de Dra. Vera, sem declarar nem nomes, nem endereço. *“Hoje a gente se sente liberta. O território é todo família, hoje só tem a gente. Somos as sementes para alcançar a liberdade. A gente hoje não aceita a discriminação. Hoje a gente não tem medo de falar. A gente vai também lutando com você”.*

1. Dona Antônia Maria da Conceição vem do Engenho Massangana - “Mãe Veia” ou Vizinha, nasceu em 1901 e viveu com a comunidade até o ano 2000;
2. Lucicleide Fernanda da Silva - Enfermeira, 27 anos;
3. Antonieta Maria da Silva - A sucessora nasceu em 1924 e participou da comunidade até 2006;
4. Simone Fernanda da Silva Barros - Cuidadora das crianças da creche;
5. Maria José de Fátima da Silva Barros - Líder comunitária. Conhecida como “Paíta” e bisneta de africanos escravizados;
6. Maria Conceição Marques - Conselheira e cozinheira. Nasceu em 1939: “Eu não sabia que era quilombola. Hoje tenho orgulho da minha origem”;
7. Adelina Ramos da Silva - Pescadora. Gosta de poesia, literatura de cordel e coco de roda. Nasceu em 1944;
8. Maria José Santana - A extrovertida. Nasceu em 1955 no Engenho Trapiche. A sexta-negra. Sua função no grupo é fazer as pessoas sorrirem; Conhecida pelo nome de Pinta: *“Eu posso ser preta, feia, mas me acho linda”*.
9. Maria José do Carmo nasceu em 1952. Mora na comunidade desde criança. Conhecida como Quequeu, a religiosa: protestante, conselheira, ajuda a comunidade com suas orações;

Maria do Carmo de Oliveira - Cacau.

Rua Severina Paraíso da Silva, nº 65, São Benedito - Olinda-PE

Texto elaborado a partir de entrevistas realizadas no Quilombo Urbano de Xambá em Olinda - Pernambuco com a professora membro da comunidade. Maria do Carmo Oliveira - Cacau.

Texto elaborado a partir de entrevistas no Quilombo Onze Negras no encontro com a Comunidade e pesquisa do livro: *Onze Negras, Comunidades Quilombolas*. Cabo de Santo Antônio.

- 10.** Vera Lúcia Fernandes. A costureira. Nascida no Engenho Passira em 1955: *“Sou muito feliz nessa comunidade”*;
- 11.** Juraci José da Silva - Dona de casa. Nasceu em 1954, viveu na comunidade por mais de 40 anos. *“Minhas coisas Deus proverá”*;
- 12.** Márcia Maria da Silva - A educadora. Nasceu em 1955, no Sertão de Pernambuco, no Cabo de Santo Agostinho. Com a passagem de sua Tia Juraci, Márcia passou a defender efetivamente os interesses da comunidade. *“Sou negra, isso ninguém vai me tirar”*;
- 13.** Helena Ramos da Silva - Nasceu em 1957, partiu em 1994 para a outra dimensão da vida (A Conselheira Fiscal);
- 14.** Valdirene Maria de Santana - A professora. Nasceu em 1979. *“Sempre passo para meus alunos a importância do negro na sociedade e de ser quilombola”*;
- 15.** Marlúcia Maria da Silva - Artesã nascida em 1958. Conhecida por Uga. Em 2004, devido a um acidente, passou a ser representada por sua sobrinha Andreia;
- 16.** Andreia Maria Santana - Agente de Saúde Ambiental. Nasceu em 1976. Déia gosta de morar na comunidade pela oportunidade de desfrutar do ar puro, da união e solidariedade de todos. *“Eu tenho orgulho de ser negra e viver na comunidade”*.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Personalidades

11

55

- ◆ **Ana das Carrancas:** Natural de Ouricuri. A partir dos sete anos de idade, Ana Leopoldina Santos confecciona panelas, potes de brinquedo e santos. Sua grande característica é a fabricação de carrancas com olhos vazados. Suas carrancas são internacionalmente reconhecidas. Ana recebe por seus trabalhos prêmios e condecorações.
- ◆ **Babalorixá Manuel Papai:** Nascido entre as nações religiosas africanas de Xambá e Nagô. O seu pai carnal era filho de Pai Adão. Começou seus estudos em igrejas católicas, de onde foi suspenso por falar em Xangô e Oxum - ancestrais africanos, da religião dos Orixás. A suspensão motivada por preconceito social e religioso levou-o a optar para o caminho da religiosidade de matriz africana Xambá. No processo de tomada de decisão, compreendeu que devia seguir o caminho de seu pai, a Nação Nagô, sem perder de vista a compreensão de que a linguagem é a mesma que liga Terreiros e Nações. Assim, continuou a vida dentro do Sítio. O casamento de seus pais muda a realidade de alguns terreiros de Pernambuco, em relação ao Xambá e ao Nagô. Muitas pessoas do Xambá passaram para o Nagô. Só uma Casa se mantém Xambá. Na atual Casa de Xambá, há Manuel Papai e o Babalorixá do Sítio de Pai Adão, filho de Yemanjá Ogunté, de onde fala: “Nada seria dentro de mim na religião sem essa Casa”. “Meu espaço, meu lugar”. A ancestralidade desta Casa é atribuída a Fatinuké, a fundadora.

Responsabilidade Religiosa do Babalorixá Manuel

Papai: Dirige a casa Pai Adão com quarenta e uma pessoas no terreiro, nove Ogans e oito Ekedes e Babalorixá - assistindo a dezenove casas de religião de matriz

africana. Dá assistência a três casas em São Paulo, uma casa no Rio de Janeiro e três no interior de Pernambuco. Vai inaugurar uma Casa no Rio Grande do Sul.

No Sítio Pai Adão, o Babalorixá Manuel Papai coordena os trabalhos religiosos, culturais e sociais. Articula trabalhos de projetos vinculados à Casa ou em colaboração com outras instituições. Realiza cursos de formação para jovens iniciantes e adultos interessados em conhecimentos religiosos de matriz africana.

A dimensão religiosa que assume transcende o espaço do seu terreiro, à medida que na sociedade onde vive, integra-se às instituições educacionais, culturais, sociais, participando, interagindo com diferentes linguagens do mundo intelectual, artístico, cultural e religioso. Por exemplo, foi, por quinze anos, Porta-Estandarte e carnavalesco do Clube das Pás Douradas, grupo fundado por carvoeiros. Abre espaço cultural para dança afro às quartas-feiras, mantém núcleos de artesanato, culinária afro com o equilíbrio do axé no terreiro.

- ◆ **Dona Santa:** Filha e neta de africanos, Maria Júlia do Nascimento nasceu em 1877, no Pátio de Santa Cruz, no Recife. Rainha do Maracatu Leão Coroado, após seu casamento tornou-se Rainha do Maracatu Elefante, lugar no qual permaneceu até sua passagem. Dona Santa é uma Personalidade que representa afirmação do Maracatu enquanto identidade pernambucana que contribuiu para a Sacerdotisa da religião dos Orixás e Juremeira. Dona Santa tinha no sangue o ritmo de zabumba e o Baque Virado do Maracatu.
- ◆ **Badia:** Maria de Lourdes da Silva - Badia, herdeira religiosa e cultural das africanas. Tia Sinhá e Iaiá nasceu em 4 de

abril de 1918. Badia-Iyalorixá foi uma sacerdotisa da religião afro-brasileira, zeladora de Orixás, neta de africanos, nasceu em 1915, na Rua Augusta, Bairro de São José.

A Casa de Badia é um espaço religioso e cultural da cidade do Recife. Legado nesta casa viveram as africanas Sinhá e Iaiá, mãe e tia de Badia, as fundadoras. As duas africanas eram zeladoras de Orixás. Nessa Casa Terreiro de Nação Yorubá, iniciaram pessoas, celebravam rituais, jogavam búzios e participavam da vida das pessoas e da cidade ao seu redor. Tia Sinhá passou para outra dimensão da vida com mais de 100 anos, o que mais tarde ocorreu com Tia Iaiá.

Com o legado por elas deixado, Badia pediu licença à Xangô para continuar jogando búzios e celebrando as cerimônias rituais. Badia criou o Peggy no quarto onde dormia Tia Sinhá.

Uma vez por ano, no mês de outubro, faziam oferendas a todos os Orixás. No mês Mariano elas rezavam o mês inteiro; festejavam a bandeira de São João e a pastoril no mês de dezembro. Badia fundou em sua Casa a agremiação Clube Carnavalesco e as Coroas de São José, em 1977.

Nessa trajetória de participar dos carnavais, Badia tornou-se uma referência, sendo homenageada por inúmeras agremiações: Vassourinhas, Lenhadores, Bloco Saberé, Batutas de São José, Madeira do Rosarinho (o bloco do coração de Badia) e As donzelas: Pierrot de São José. O Galo da Madrugada, por exemplo, nasceu no São José.

A ala feminina da Escola de Samba Estudantes de São José também foi criada na Casa de Badia.

Os maracatus, antes de saírem para a rua, faziam obrigações religiosas e muitos deles faziam essas obrigações na Casa da Badia.

A Casa de Badia, na Rua do Terço, hoje é tombada e está sob a responsabilidade de Maria Lúcia Soares dos Santos, prima de Badia. “Quero dar continuidade à Casa de Badia, celebrando Cosme e Damião, 27 de setembro, São Bartolomeu, 24 de agosto, São Jorge, 23 de abril”. Os amigos de Badia eram negros que a acompanhavam no dia a dia. Edivaldo Ramos, fundador do Movimento Negro, era amigo de Badia. Badia era convidada para jantar no Palácio com o Governador Joaquim Francisco Cavalcante. (Depoimento de Inaldete Pinheiro de Andrade).

- ◆ **Iyalorixá Rainha Elda Viana:** Única Rainha viva coroada na Igreja de Rosário dos Pretos, hoje Rainha do Maracatu Nação Porto Rico, bicampeão do Carnaval, situado na Macaia de Oxóssi, no Bairro do Pina.
- ◆ **Lia de Itamaracá:** Maria Madalena Correta do Nascimento - Cirandeira de Itamaracá. Aos 60 anos, a compositora Teca Calazans registrou a quadra: “Esta ciranda quem me deu foi Lia/ que mora na Ilha de Itamaracá”. Lia canta e compõe desde a infância e em 1977 gravou o seu primeiro LP - A Rainha da Ciranda. Apesar do reconhecido talento, Lia continuou trabalhando como memória de uma escola.
- ◆ **Luiz de França:** Cresceu em meio às diversas manifestações culturais e religiosas do Recife: Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de São Gonçalo, clubs de frevo; terreiros de candomblé, religião dos Orixás. Foi membro do Maracatu Leão Coroado e do Sacerdote de IFÁ, lugares em que assumiu em sua maturidade. Considerado Griot

e Intelectual Orgânico. Militante na luta pelo reconhecimento e institucionalização do Maracatu como patrimônio industrial de Pernambuco. Dona Santa e Luiz de França foram considerados Gente dos Maracatus.

- ◆ **Luiz Gonzaga do Nascimento:** O rei do balão nasceu na Fazenda Caiçara, na zona rural de Exu, Sertão de Pernambuco. Aprendeu a tocar com Januário, seu pai, lavrador e tocador de acordeão. Considerado autêntico representante da cultura nordestina.

O balão foi o gênero musical que o consagrou entre os grandes compositores brasileiros. A canção emblemática de sua carreira foi Asa Branca, composição de 1947 em parceria com o advogado Humberto Teixeira.

- ◆ **Mestre Salustiano:** Músico pernambucano, Manuel Salustiano Soares nasceu em Aliança, Pernambuco, em 1945. É um dos grandes responsáveis pela preservação da Ciranda, do Pastoril, do Coco, do Maracatu, do Caboclinho, do Mamulengo, do Forró, do Improviso da Viola entre outras expressões culturais do Nordeste. Fundou o Maracatu Piaba de Ouro, em 1997. Participou do Festival de Cultura Caribenha, em Cuba. Criou o Mamulengo Alegre e foi o comandante Cavalo-Marinho, Boi Matuto. Mestre Salustiano foi escolhido pelo Governo do Estado, através da Lei 12.196, como Patrimônio Vivo de Pernambuco.
- ◆ **Mestre Vitalino:** “Na feira de Caruaru um dia apareceu um menino - Vitalino Pereira dos Santos - cuja obra ingênua no massapê pernambucano, tornou-se

uma significativa mensagem de brasilidade que tem alcançado os mais diferentes centros do mundo”. (Do texto: Robério Benjamin. Presidente da Comissão Nacional do Folclore. Dona Santa e Luiz de França: Reis do Maracatu). Por volta de 1930, Vitalino fez seus primeiros grupos humanos representando o mundo em que vivia, com soldados e cangaceiros. Em seguida: retirantes, casa da farinha, tento zabumba, batizado, casamento, vaquejada, padre, Lampião, Maria Bonita - a representação do mundo rural, seu povo, sua cultura. Além das miniaturas: boizinho, jegues, bonecos, pratinhos com os quais se iniciou.

- ◆ **Naná Vasconcelos:** Juvenal Holanda Vasconcelos, músico brasileiro, nascido no ano de 1944, no Recife, reconhecido internacionalmente como exímio percussionista. Pesquisador de ritmos vinculados a tambores, buscando sobretudo origens africanas, caribenhas e afro-brasileiras.
- ◆ **Solano Trindade:** Francisco Solano Trindade nasceu no Recife em 1908, no Bairro de São José, na Rua Direita, e partiu para o Rio de Janeiro em 1974. Poeta renomado, originário do povo negro, era cantado por outros poetas que o consideravam Vento Forte, Vento Levante, Vento Virado da África. Apaixonado pela poesia cantada e escrita, inicia em 1930 sua trajetória de poeta militante. Participou da organização do 1º e 2º congressos Afro-brasileiros em Recife e Salvador. Fundador de Frente Negra de Libertação em Pernambuco e do Centro de Cultura Afro-brasileiro. Militante do movimento pelo qual é reconhecido por intelectuais e artistas negros. Participou com Abdias

do Nascimento da criação do Teatro Experimental do Negro e com Edson Carneiro e sua esposa, Margarida, criaram o Teatro Popular Brasileiro. Em 1961, transformou o Embú, em São Paulo, num pólo de cultura e resistência que hoje tem continuidade através da competência de Raquel Kambinda Trindade, sua filha e herdeira artística. A memória de Solano Trindade tem expressiva continuidade em seus poemas, muitos dos quais dedicados ao Maracatu. Em 2007, foi erguido um monumento pela Prefeitura de Recife, no pátio de São Pedro, em homenagem a Solano Trindade.

- ◆ **Zumbi dos Palmares:** Lá pelos anos de 1590, al-
guns africanos escravizados no Brasil romperam os
grilhões que os acorrentavam e fugiram para o seio
das florestas situadas onde estão hoje os Estados de
Alagoas e Pernambuco. Inicialmente, foram uns pou-
cos. O grupo cresceu pouco a pouco até se tornar uma
comunidade de cerca de 30 mil rebeldes africanos,
homens e mulheres. Estabeleceram o primeiro gover-
no de africanos livres nas terras do Novo Mundo. In-
dubitavelmente um verdadeiro Estado africano - pela
forma de sua organização socioeconômica e política
- conhecido na História como a República de Palmares.
Zumbi foi o exemplo de todos os guerreiros e guer-
reiras e, nas densas florestas de Palmares, se tornou
inspirador da luta negra no Brasil desde o período da
abolição, mas que adquiriu modos diferentes de se
realizar nos anos 1970, do século XX.

Para amplos setores do Movimento Negro Brasileiro, a
história de resistência do Quilombo e suas lideranças
representavam exemplo a ser seguido e atualizado na

História contemporânea brasileira.

O Quilombo dos Palmares durou um século entre origem, organização e sua destruição pelo comando das forças coloniais repressoras. Zumbi, de origem Bantu, nasceu em Palmares, em 1655. Seu nome significa N'Zumbi, o Deus Supremo dos povos Santos. Ele foi o Rei dos Palmares, em seguida, o Ganga Zumba.

O Quilombo dos Palmares foi a melhor experiência democrática no Brasil e durou 100 anos. O Quilombo de Palmares está situado na Serra da Barriga, atual Município de União dos Palmares, no Estado de Alagoas.

A imortalidade de Zumbi dos Palmares é celebrada no dia 20 de novembro, data que foi institucionalizada como o dia da Consciência Negra. Zumbi é considerado nosso primeiro herói do pan-africanismo, segundo Abdias do Nascimento. Palmares pôs em questão a estrutura colonial inteira: o exército, o sistema de posse da terra, o latifúndio e o poder da Igreja Católica. Zumbi era “negro de singular valor, grande ânimo e consciência rara”, (In Décio Freitas. Palmares, a guerra dos escravos).

Para Beatriz Nascimento, “O Quilombola é a memória que não acontece só para negros, acontece para a nação”. (Beatriz Nascimento. Jornal Nacional do MNU, nº 17, pág 12, Nov. 1989).



12

**Um agradecimento
ao maracatu
baque virado
porto rico por
sua apresentação
exclusiva ao vivo
e em cores no seu
bairro de origem
para o Ilê Aiyê**

Os representantes do Ilê Aiyê receberam distintas homenagens em Pernambuco. A abertura foi caracterizada por uma apresentação com exclusividade da Nação do Maracatu Porto Rico. Um cortejo a caráter, com direito a rei, rainha, calungas, tambores e pália, que dançaram no melhor estilo, em seu próprio espaço cultural e religioso. Estávamos acompanhados do Prof. Jorge Arruda, assessor especial do governo do estado e Coordenador do Centro de Integração e Promoção da Igualdade Racial de Pernambuco e da Coordenadora Estadual do MNU - Movimento Negro Unificado - Marta Almeida Filha.

Agradecimentos igualmente especiais do Ilê Aiyê:

- ◆ Ao Sítio Pai Adão
- ◆ À Casa de Badia
- ◆ À Casa de Xambá
- ◆ À Comunidade Quilombola Onze Negras
- ◆ À Professora Pesquisadora Inaldete Pinheiro de Andrade
- ◆ À Coordenadora Estadual do M.N.U (Movimento Negro Unificado), Marta Almeida Filha
- ◆ Ao Professor Jorge Arruda - M.D. Coordenador da CEPIR - Coordenação Estadual de Promoção da Igualdade Racial
- ◆ A todas as Instituições e pessoas que contribuíram para a realização da pesquisa deste tema: ILÊ AIYÊ 2010 E PERNAMBUCO: UMA NAÇÃO AFRICANA. Com seus saberes, generosidade e competência.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Antologia poética

1º lugar poesia

Galho de guiné

(Amilton Lopes – Marcos Alves – Milton do Sina)

Pegue um galho de guiné
Se ajoelha pra mãe te rezar
Ouça a mensagem com fé
E agradeça ao se levantar
No centro da quadra do Ilê
Cabelos trançados, dialeto Yorubá
Meu reino Senzala Curuzu Barro Preto
Nação Liberdade aqui é meu lugar
Yakekerê vem dançar
É samba d'Ilê você pode sambar
Yakekerê vem pra cá
É casa de negro tu pode chegar
Com a força pra fazer o bem
Sempre nos passando palavras amigas
Consagrada ao olhar do povo
Do Ilê Aiyê essa mãe tão querida
Com um pano branco transformado em torço
E pelo corpo o ginger de uma beleza negra tão bonita
Bru kun tum axé Ilê
Balança negona, balança negão
Bate na palma da mão
Balança negona, balança negão
Eu sou Ilê Aiyê

LETRAS DE MÚSICA: POESIA

2º lugar poesia

Trajatória consagrada

(Nem Tatuagem)

Não dá para viver sem você Ilê
O meu coração lacrimeja de tristeza
A sua história se expande pelo mundo Ilê
Tu és a luz que ilumina a raça negra
Consagradamente
São trinta e seis anos de felicidades
Mas nossa grande vitória
É acabar de uma vez com essa lei Apartheid
O Ilê Aiyê segue em frente
Rompendo barreiras no seu dia a dia
Lutando por nossa cultura
Representando a nossa Bahia
Doa a quem doer
Sem você não tem jeito
Carnaval sem Ilê é avenida vazia
É uma dor no peito
O tempo é quem se encarrega
De nos mostrar a verdade
Aquele que tem fé no tempo
Vai em busca de felicidade
Cicatrizando as feridas
Espantando toda a maldade
Mãe Hilda abençoa o Ilê
E a gente clama liberdade

LETRAS DE MÚSICA: POESIA

3º lugar poesia

Afirmação

(Núbia Carvalho)

A minha herança é banto
Africanidade assunto com prazer
A raça pode ser humana,
Mas a referência, eu sou Ilê Aiyê
Eu declaro com certeza
Minha identidade negra
Isso é afirmação
Nunca vi tanta beleza
Numa flor tão bela e negra
Dentro do meu coração.
Beleza é raça
Cor da pele quer dizer
Ser negro é massa!
História e resistência
Um brilho de esmeralda, eu sou
Eu sou a liberdade
Flor dessa cidade
Ilê Aiyê eu sou
Ser luzente contagia
É pura energia e conscientização
Beleza negra
Minha vida, maravilha de inspiração

LETRAS DE MÚSICA DESTAQUES

Perpetuando a cultura

(Edilson Bambambam)

É o Ilê disseminando o amor
É o Ilê semeando a paz
É jeje, é banto, é nagô
A cultura negra que perpetuou
Candomblé, crenças e rituais
Samba de roda, Angola, capoeira
Da Senzala do Barro Preto
O afro Ilê mostra a cultura negra
Zoogodo Bogun Malê Hundon
Ilê Axé Mãe Hilda Jitolu
Sou Ilê a cultura do bairro
Da Liberdade, sou do Curuzu
Vou subir, vou descer a ladeira
Pra curtir o Ilê que emoção
Ver o charme da Liberdade
Perfil azeviche, orgulho de negão
Vou descer, vou subir a ladeira
Pra curtir o Ilê que alegria
Ver o palanque mais belo dos belos
Maior quilombola, orgulho da Bahia.

LETRAS DE MÚSICA DESTAQUES

Palha e chão

(Marito Lima e Milton Boquinha)

Casa coberta de palha
Barro com água virou massapê
Parede forte casa de orixá
Senzala Barro Preto, Ilê Aiyê
Não adianta me olhar assim
Que eu não vou lhe dizer
Mas o segredo da vida
Está dentro de você
E a força está no chão, no chão, no chão
Com os pés no chão
Eu sou Ilê e não abro mão
Quem for de bater palmas, pode aplaudir
Tem gente que chora, tem gente que sorrir
É lindo demais ver o Ilê passar
Com a raça negra e uma linda roupa a desfilar
Tem negra que baila do Curuzu a avenida
Tem negro que canta tão feliz da vida
Recebem as bênçãos, recebem as bênçãos de mãe Hilda

LETRAS DE MÚSICA DESTAQUES

A expressão

(Narcizinho – Nascimento – Rufino – Rosalina Santos)

Intérprete: Narcizinho

Uma nação africana Ilê
Uma nação africana, meu bem, vem ver
Uma nação africana Ilê
Uma nação africana, meu bem, meu bem querer
Hoje tem festa na Senzala
Corre pra ver
É o mais belo dos belos
De braços abertos esperando você
Quem é fã de carteirinha
Se escuta a batida o corpo balança
Reflete em cada sorriso
O brilho negro é a nossa herança
E expressão tá na dança, no jeito de ser
No nosso cantar
Esse ano eu tô na avenida
Não perco por nada
Meu Ilê desfilando
Nesse embalo gostoso
Os tambores convidam
Quero ver você
Vem minha negra bonita
Gingando envolvente
Na Band'Aiyê

LETRAS DE MÚSICA DESTAQUES

Beleza natural

(Jamoliva – Sandoval – Jucka Maneiro – Claudinho)

Negra você é tão linda como a natureza
Não vê quanta beleza presa em você
Seu brilho deixa meu sorriso radiante
A mais pura obra-prima do Ilê Aiyê
Venha no compasso do meu passo quero ver
Venha no chamego dos meus braços neném
Quero te chamar de meu amor ô ô ô
É bom demais te amar
A luz do sol, no luar
Arranha-céus de prazer, ver as estrelas
É bom demais te amar
A luz do sol, no luar
O Ilê é paixão, é maravilha
É na Senzala de Negro
Que nosso amor se encontra
Liga de barro vermelho
Ilê nossa Casa Branca

LETRAS DE MÚSICA DESTAQUES

Tambor pernambucano

(M. Othelo)

Salve meu Pernambuco
Salve a nação do tambor
Salve o Ilê Aiyê
Vem este ano cantando em nagô
Mamulengos negros de traços no maracatu
O cortejo de uma rainha do Xambá
Ancestral quilombola que cola não vai desgrudar
Uma menina rebola só pra me agradar
Congadas, batuques de jongos, rodas e afoxé
Meu orí é de Ogum
Nele tenho que ter fé, colofé
Êh, Santo Antão, Santo Antão, Santo Antão
Pernambuco já foi forte, na cana e no algodão
Religião candomblé jeje mahi
Pernambuco faz divisa com Ceará e Piauí
Meu Porto Rico Odun Kori
Povos indígenas e negros como irmãos
Já lutaram muitas guerras e vitórias de Santo Antão

LETRAS DE MÚSICA DESTAQUES

Pernambuco pedra preciosa

(Davizinha e Jamoliva)

Eu quero é me banhar no Velho Chico
Cantarolar Maria e Lampião
Ouvir uma canção do velho mito
Luiz Gonzaga o Rei do Baião
Samba de roda, capoeira
Maracatu e congada
Tambor de Mina, de Crioula
Bumba-Meu-Boi, batucada
Na Casa de Xambá
Toca tambor o alabê
Percussivo é Naná
Poderoso é o Ilê
Caruaru, Petrolina, Recife
Olinda são lindas vem ver
Pernambuco é pedra preciosa
Meu bem, joia rara é o Ilê

LETRAS DE MÚSICA TEMA



1º lugar tema

Quilombo urbano

(Edilson Bambambam e Aldo Nascimento)

Congada, congo, tambor de crioula,
Negras irmandades religiosas
Terreiro de candombe
Yorubá, jeje, nagô e Angola
Samba de roda e afoxé
Capoeira, jongo, maracatu
Quilombo Onze Negras em Pernambuco
Quilombola Ilê no Curuzu
Pernambuco é a terra do frevo
Rebentar estourar maracatu
Casa de Xambá, quilombo urbano
Como o Ilê Aiyê do Curuzu
Salve o Mestre Salustiano
Patrimônio vivo de Pernambuco
Comandou o Piaba de Ouro
O Cavalo Marinho, Boi Matuto
Solano Trindade vento forte
Fundou o Centro de Cultura Afro Brasileiro
Grande poeta renomado
Feito Zumbi, forte guerreiro
Ana das Carrancas, Dona Santa
Badia Iyalorixá
Luiz Gonzaga, Luiz França
Salve Lia de Itamaracá
A resistência sempre existiu
Contra o domínio holandês o povo lutou
Na restauração pernambucana
Confederação do Equador
Noite dos tambores silenciosos
Tocam maracatus tradicionais
Referenciando os eguns
Louvando aos seus ancestrais

LETRAS DE MÚSICA TEMA

2º lugar tema Made in Brasil

(Marcos Boa Morte)

Abrace o Nordeste na saga dessa região
Estado de Pernambuco do Brasil colônia da restauração
Bibliograficamente se incorpora no Ilê
Êta tem cabra da peste, vem pintando o sete e o povo vem ver
Frevo pegou povo do Ilê
Maracatu, Curuzu tem dendê
Pegou povo de lá
Olinda Bahia ia ia
Monumentos catedrais, quilombos candomblé
Iyalorixás, baobás, Onze Negras de fé
Referências culturais, maracatu longo pastoril
Heranças dos ancestrais, África made in Brasil, viu
São arretados os pernambucanos
Onde nasceu Luiz o Rei do Baião
Deu Virgulino que ninguém se esquece
Seu Vitalino, mestre artesão, meu sertão
Luiz Inácio é nosso Gangazumba
Do velho Chico ao Sítio do Pai Adão
Ilê Aiyê “óxê” cabra da peste, africana nação

3º lugar tema

Pernambuco imortal

(Joia Santos – Genivaldo Evangelista – Kátia Show)

Os tambores do Ilê Aiyê
Invadem a noite por toda cidade
Graças aos terços das três raças
Pernambuco em busca da liberdade
Olinda foi capital
Da nova Roma dos bravos guerreiros
Marcada por conflitos
Banhada pelo velho Chico
Pernambuco imortal, polo de resistência
1821 fala Ilê, sua independência
Resistindo em forma de expressão
Bloco afro e afoxé
Batuque, samba de roda
Capoeira, candomblé
No jeje nagô mina Angola Yorubá
Sítio do Pai Adão, Ilê Casa de Xambá
No terreiro da Senzala
Que floresceu maracatu
No baque vivado já sei o que faço
Danço subindo o Curuzu
A Deusa do Ébano é a Dama do Paço
Vem dançar ciranda
A Deusa do Ébano é a Dama do Paço
Negra pernambucana
Pernambuco, Pernambuco
O Brasil ama você
Pernambuco, Pernambuco
Uma nação africana como o Ilê
De origem Tubi
Negra Badia e Rei Zumbi
Na nordestina região
Elda Viana e Rei do Baião

bibliografia

- Arruda, Jorge. *Africanidade e Afro-brasileira*. Implementando a Lei 10.639/200. Livro do Professor.
- Arruda, Jorge. *Educando pela Diversidade Afro-Brasileira e Africana*. As ações Afirmativas. Ressignificando os Temas Transversais Lei 10639/2003. Comentada.
- Andrade, Inaldete Pinheiro de. *Baobás de Ipojuca*. Recife: Bagaço, 2008.
- Andrade, Inaldete Pinheiro de. *Cânticos dos Encontros*. Quilombos de Pernambuco e outros cânticos. Mimeo.
- Andrade, Inaldete Pinheiro de. *Velhas histórias. Novas Leituras*. Mimeo.
- Andrade, Inaldete Pinheiro de. *A Calunga e o Maracatu*. Recife. Prefeitura. Secretaria de Cultura. 2007.
- Andrade, Inaldete Pinheiro de. *Pai Adão em Nagô*. Literatura Infanto-Juvenil. Centro de Cultura Luís Freire. Recife.

bibliografia

Onze Negras. Caminhadas Quilombolas. Cabo de Santo Agostinho - PE.

Pernambuco História

Pernambuco Manifestações Culturais

Entrudo e Frevo

Vídeo. *Nação de Maracatu*. Porto Rico. Prefeitura do Recife. Centro de Cultura Luís Freire.

C.D. *Nação do Maracatu Porto Rico. A Noite do Dendê*. Ao vivo

C.D. *Sítio Pai Adão*. Ritmos africanos no Xangô do Recife.

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos •
Vice-Reitor: Fábio Josué Souza Dos Santos •
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Danillo
Silva Barata • **Coordenação de Cultura e**
Universidade: Fabiana Comerlato • **Coordenação**
de Extensão Universitária: Maria Da Conceição
De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Silva Barata • **Editora**
Executiva: Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana
Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento**
de Imagem: Roberto Abreu • **Digitalização dos**
Textos: Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã
Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão,
Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção**
Executiva: Robson Oliveira • **Restauração:**
Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações
publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 18 – Pernambuco, uma nação africana

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê
Aiyê

Diretoria

Hilda Dias dos Santos (Mãe Hilda) *in memoriam*

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Fernando Ferreira de Andrade Filho • Vivaldo
Benvindo dos Santos • Arany Santana Neves
Santos • Dário da Páscoa • Edmilson Lopes
das Neves • Edson Tobias de Matos • Elizete
Matos dos Santos • Hildete Valdevina dos
Santos Lima • Jônatas Conceição da Silva (*in
memoriam*) • José Carlos dos Santos • Maria de
Lourdes Siqueira • Oduvaldo de Jesus Santos
(*in memoriam*) • Osvalrízio do Espírito Santo
• Paulo Cezar da Costa Cerqueira • Paulo
Raimundo F. Bonfim (*in memoriam*) • Roberto
dos Santos Rodrigues • Wilson Batista Santos

Pesquisa: Maria de Lourdes

Siqueira **Colaboração:** Sandro Teles **Capa**

e Ilustração: Mundão **Edição e**

Produção: Via Direta Comunicação

End. Rua do Curuzu, 228, Liberdade
CEP 40365 000, Salvador • Bahia
Teleone 71 2103 3400
Telefax 71 2103 3400
Site www.ileaiyeoficial.com
E-mail ileaiye@ileaiye.org.br



PROexc

PROJETOS DE EXTENSÃO E CULTURA

UFB

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

TI PALMARES
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO